



AS CEBs (COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE) EM RECIFE E A IGREJA CATÓLICA PROGRESSISTA: CARNAVALIZAÇÃO E LINGUAGEM NO DISCURSO DE DOM HELDER CAMARA

EDVALDO VIEIRA DE SOUZA JUNIOR ¹
ROBSON TAVARES DE MELO²

RESUMO

Este artigo se propõe a uma análise da carnavalização da linguagem nos discursos de Dom Helder Camara tendo como foco o seu apoio às CEBs (Comunidades Eclesiais de Base) na Arquidiocese de Olinda e Recife durante o regime de exceção (1964 a 1985). Procuramos investigar dentro de uma abordagem interdisciplinar o dito caráter subversivo do seu discurso (com) partilhado por uma ala progressista da Igreja Católica ligada à Teologia da Libertação³, utilizando a capacidade linguística de lutar contra o poder centrípeto (dominante) proposta pelo filósofo da linguagem o russo Mikhail Bakhtin (1895-1975).

PALAVRAS-CHAVES: CEBs – DOM HELDER CAMARA – BAKHTIN/CARNAVALIZAÇÃO

¹ Doutor em História Social – Universidade Federal da Bahia (UFBA)

² Doutorando em Ciências da Linguagem – Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP)

³ O surgimento da Teologia da Libertação, enquanto processo histórico, nos obriga a abrir-nos a novas reflexões teológicas mais autônomas de Roma que surgiram na segunda metade do século XX e que teve importantes representantes em vários países europeus, vejamos: na Alemanha, encontram-se Bultmann, Moltmann, Tillich, e Barth (protestantes); na França, Teilhard de Chardin, Calvez, Congar, Lubac, e Duquoc; na Itália, Giuseppe Alberigo. Nesse contexto, a reflexão social dos dogmas de Henri de Lubac (1896-1991), e a teologia dos leigos de Yves Congar (1904-1995) foram importantes conceitos do cristianismo-social que contribuíram para união dos cristãos com os movimentos populares.

INTRODUÇÃO

Em 1982, um jovem universitário pernambucano, identificado como Cláudio Melo, escreveu uma carta endereçada ao então Cardeal Dom Avelar Brandão Vilela Arcebispo de Salvador.⁴ Na correspondência, o rapaz se declara um ignorante que demonstrava preocupação com os rumos tomados pela Igreja Católica em Recife, então sob a liderança de Dom Helder Camara, ao mesmo tempo, solicitava a ajuda de Dom Avelar para que a Igreja brasileira continuasse a progredir. Assim, engajado em sua militância religiosa, o estudante criticou a politização das comunidades eclesiais de base e alertou sobre o perigo do crescimento pentecostal no Brasil. Dizia ele:

As comunidades eclesiais de base aqui em Pernambuco são clubes políticos sem nenhuma expressão religiosa. Não conheço ninguém que tenha sido convertido ao catolicismo. Os sermões dos padres são bobos ou panfletários. Gostaria de assistir a uma mudança, pois tenho sentimento religioso e gostaria de ver a minha Igreja progredindo. Por que o senhor, digo V. eminência não ajuda a Igreja brasileira a mudar?

Na verdade, a carta era um protesto contra as esquerdas e a ala politicamente progressista da Igreja. Mas, o pior, é que essa constatação estava causando certo desalento no universitário, e isso interfere muito no seu ânimo em relação à Instituição. Por sua vez, Dom Avelar parece representar para o jovem um sentimento de respeito e confiança na Igreja politicamente conservadora, o que, sem dúvida, era uma formulação legítima, porém delicada.

Porém, as palavras acima nos revelam bem mais do que uma simples preocupação do jovem com o destino da Igreja naquela conjuntura (década de 1980), pois, apesar da sua capacidade de interpelação religiosa quase em tom de desespero, a carta não foi respondida pelo Arcebispo, provavelmente, em respeito ao seu colega de báculo Dom Helder Camara.

Assim, ao estudar a inserção das CEBs na vida da Igreja e da sociedade em geral, investigamos como a organização dessas comunidades procurou romper o sólido pacto entre a Igreja politicamente conservadora e a sustentação da ordem vigente que, tantas vezes, sancionou a violência e a injustiça social durante o regime de emergência.

Nesse sentido, em Recife no bairro de ‘Casa Amarela’, zona norte da cidade, investigamos as comunidades de: ‘Nossa Senhora da Conceição’, ‘Córrego do Bartolomeu’ e ‘Alto José do Pinho’. Procuramos situar o papel da Igreja Católica diante das diferentes

⁴ Carta sobre a situação da Igreja Católica no Brasil, escrita pelo estudante de engenharia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) Claudio Melo e enviada ao Arcebispo Dom Avelar Brandão Vilela em 15/10/1982. Arquivo do Laboratório Eugênio Veiga (LEV). Universidade Católica de Salvador. Cx. 2.

categorias de representações que compõem o imaginário social responsável em parte por aquele cotidiano religioso, numa clara alusão de que seus líderes construíam uma Igreja em sintonia com os movimentos populares.

Assim, é bastante evidente esse valor de identidade nas CEBs analisadas, manifestado pelas atitudes de partilha, abertura e de dom gratuito. É também decorrente da própria sistemática resultante dessa nova postura da Igreja já traduzida pela opção pelos pobres e pela pedagogia dela originária. Trata-se do sentido de pertença a uma organização - com participação efetiva - de reconhecida identidade social. Desse modo, o objetivo foi trazer à tona a problemática interna vivida pelos participantes das CEBs no que concerne ao desenvolvimento de uma consciência política.

Em nosso artigo, analisamos dois conjuntos de fontes historiográficas: as textuais (jornais, periódicos católicos, boletins arquidiocesanos, revistas, atas de reuniões das comunidades, informes produzidos por outros grupos religiosos que combateram a ditadura, além de teses e dissertações acadêmicas referentes ao tema investigado), e as orais (através de entrevistas com sacerdotes e pessoas influentes da Igreja Católica). Sobretudo por que, como chama a atenção o historiador Carlo Ginzburg, nunca confiar numa única fonte é um dos mandamentos da profissão. “Selecionar apenas como objeto de conhecimento o que é repetitivo e, por isso, passível de serialização, significa pagar um preço, em termos cognoscitivos, muito altos” (GINZBURG, 2007: 262). Afinal, nada muda mais do que o passado.

Em relação a Dom Helder Camara e a sua capacidade linguística de lutar contra o poder centrípeto (dominante), utilizaremos o conceito de carnavalização do filósofo russo Mikhail Bakhtin (1895-1975), para esse filósofo a carnavalização seria a capacidade que a língua tem de revestir-se da força de resistência que se caracteriza como combativa e renovadora (força centrífuga). Bakhtin desenvolve essa teoria em duas obras *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: contexto da obra de François Rabelais* (no qual ela é refinada e desenvolvida) e também em *Problemas da Poética de Dostoiévsk*.

DOM HELDER, A VOZ QUE NÃO SE CALA

Roma, dezembro de 1986, Dom Helder Pessoa Camara, bispo importante do catolicismo brasileiro recebia da Prefeitura de Roma o prêmio ‘Roma-Brasília, Cidade da Paz’ por sua atuação em defesa da paz mundial. Contudo, confessava aos amigos mais próximos

que ainda não havia se acostumado com a sua aposentadoria solicitada ao completar 75 anos, seguindo as orientações canônicas. Nos dias seguintes, falou da sua preocupação com o povo brasileiro, sabia da sua importância para com a Igreja Católica e das novas exigências que estavam por vir e, mais ainda, temia um Brasil que não se apresentava como familiar após 21 anos de ausência da democracia.

Dom Helder tinha a justa noção que precisava desvencilhar-se das identidades que legitimava, ao se imaginar visto pelo outro, ele não tinha mais a autoridade, o *mínus* do sagrado na Instituição. Declarava que o momento era de valorizar o que a Igreja tem de perene e que, por vezes, fica obscurecido pelo colorido mais vivo do processo de renovação por que está sempre passando o mundo e a própria Igreja, tais questões de ordem teológica ainda o incomodavam.

Ao mesmo tempo, reconheceu o verbo da divindade na boca daqueles que estão imbuídos do poder, pois esse poder, como afirmou Michel Foucault: “não pode ser apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede” (FOUCAULT, 2004: 183). Assim, caberia ao cristão discernir na sua vida diária, o essencial do acidental, o eterno do temporal. Com a sua aposentadoria após 21 anos do seu pastoreio na Arquidiocese de Olinda e Recife, procurou cuidadosamente eliminar nas frases adversativas os conteúdos mais radicalizadores das posições assumidas. Assim, passou a sofrer a ação do poder, sua morte foi pelo silêncio.

Com a aposentadoria de Dom Helder Camara, um ponto de convergência entre os estudiosos da Igreja Católica no Brasil é o reconhecimento da importância histórica desse religioso no cenário político-religioso durante o regime de exceção. Nesse contexto, sem incorrer em equivalências forçadas, entendemos que esse padre emanava de sua pessoa o querer e o realizar; nela, somente nela, na Igreja, estaria a solução para cada problema do seu povo, foi assim que apoiou por razões diversas em sua Arquidiocese as chamadas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs).

Diante disso, nos discursos de Dom Helder, encontramos uma extensa e elaborada análise das relações entre o aumento da riqueza, a democratização, a mudança e a educação, uma análise desenvolvida de forma mais ampla, conectada com ideais sócio-políticos bem definidos, em grande medida, em função das comunidades eclesiais de base, carinhosamente por ele chamadas de comunidades do Dom. Segundo Frei Betto, tais comunidades seriam o resultado da seguinte combinação:

- 1) *De um pequeno grupo de vizinhos que pertencem a um mesmo bairro popular, favela, vila ou zona rural, e que se reúne regularmente para ler a Bíblia e discuti-la à luz da sua própria experiência de vida.*
- 2) *Do modelo de Igreja militante voltada para a problemática social: lutas por habitação, eletricidade e água dentro das favelas, luta pela terra no campo, em oposição a um modelo de Igreja carismática, zelosa pela conservação do seu status e arcabouço doutrinário tradicional (FREI BETTO, 1985: 27).*

De todo modo, na década de 1960, a Igreja Católica percebe que há muito se falava em defesa das “classes populares”⁵, mas faltava o convívio. Sentiu-se a necessidade não só de falar dos oprimidos, mas de ouvi-los. Do mesmo modo, havia um intenso processo de profundas transformações em diversos campos, alguns intelectuais católicos motivados por uma releitura do Marxismo e da filosofia existencialista revelaram que: “entre o ponto de vista cristão de mundo e a visão moderna, embora distintas, não existia um interstício nem oposição, mas uma convergência dentro do plano geral da Igreja” (PRIMOLAN, 2011: 19). Ressalte-se que a Igreja, enquanto instituição humana está sujeita aos condicionamentos a que se subordinam qualquer organização e instituição sociopolítica.⁶

Por outro lado, a violência praticada durante o regime de exceção e a ameaça à integridade física da Instituição, levou o catolicismo a defrontar-se com a ideologia da Segurança Nacional⁷ e pressionar para a liberalização e democratização do regime ditatorial. Essa reflexão beneficiará a organização de uma linha pastoral popular em que o leigo passou a ter respaldo em setores mais, politicamente, progressistas na hierarquia Católica. Desse modo, as comunidades eclesiais de base se expandiram utilizando como matriz o referencial da Teologia da Libertação.

⁵ Em nosso estudo, utilizaremos a visão ampla das classes sociais de Antônio Gramsci, pois permite conceber o povo como uma aliança mais aberta. Nossa ideia é fugir de análises sectárias, que consideravam o proletariado como única classe revolucionária e isto, paradoxalmente, dentro das condições econômicas de sociedades pouco industrializadas. Esta postura deixa de lado os numerosos setores populares que não se encontram integrados à estrutura produtiva. Assim, o conceito de povo varia segundo a conjuntura e as relações de forças dentro de uma formação social dada.

⁶ No Brasil, o Pe. Henrique Lima Vaz irá desempenhar um papel de destaque nesse debate através da categoria de “consciência histórica”, na tentativa de oferecer uma leitura cristã da história. As obras que marcaram esse período, *Cristianismo e consciência histórica* (1963) e *Ontologia e História* (1968), visavam apresentar a consciência cristã como consciência histórica e servir de guia para a comunidade cristã. (COSTA, 2011: 208).

⁷ A Doutrina de Segurança Nacional vai além de um corpo teórico com diretrizes governamentais. Existia, contida na Doutrina, uma ideologia da segurança nacional. Ou seja, existia uma forma de pensamento que se tornou um instrumento utilizado pela elite política e econômica, associada ao capital estrangeiro, para justificar e legitimar a perpetuação por meios não democráticos de um modelo altamente explorador de desenvolvimento dependente (ALVES, 2005: 27).

Nesse sentido, Scott Mainwaring (2004) ressalta que já havia uma forte tendência por mudanças na Igreja antes mesmo do Concílio Vaticano II⁸: “a mudança iniciou-se a partir da base, mas tomou impulso somente quando foi legitimada pela cúpula” (MAINWARING, 2004: 63). Nesse contexto, nascidas na América Latina após o Concílio Vaticano II e reforçadas na Conferência do Episcopado da América Latina, em Medellín, Colômbia (1968) e Puebla, México (1979), as CEBs tentam pôr em prática, com a limitação que todas as práticas humanas têm, o modelo de ‘Igreja dos Pobres’, que segundo Joseph Comblin (1981): “representariam exatamente esse esforço da Igreja para ajustar as suas estruturas para responder aos desafios sempre emergentes à obtenção de seus objetivos e de sua razão de ser”.⁹

Dessa maneira, no início do apostolado de Dom Helder em Recife, havia um clima de aproximação entre o Arcebispo e o regime. A Arquidiocese procurou manter um diálogo com o IV Exército (sediado em Recife) a fim de não interromper o trabalho social em andamento. Entretanto, devido a sua insistência em visitar presos políticos e, mais tarde, com suas denúncias em relação às torturas realizadas pelo regime ditatorial, torna-se impossível manter algum diálogo com o governo. Assim, confabular com o regime civil-militar era no mínimo uma intimidade perigosa, melhor seria para Dom Helder preservar a unicidade do seu discurso.

Então, nesse, como em outros pontos, é descartado o caráter monológico do discurso. De certa forma, Bakhtin defende que a língua, em sua totalidade concreta, viva, em seu uso real, tem a propriedade de ser dialógica. Essas relações dialógicas não se restringem ao campo estreito do diálogo face a face, o qual é apenas uma forma composicional, das múltiplas em que elas ocorrem. A todo instante, as práticas usadas por esse modelo de Igreja para promover um processo reflexivo que envolve uma análise de realidade forma, de acordo com Bakhtin, uma construção social através da linguagem que parte para uma visão centrífuga, que foge do centro dominador, podendo colaborar para uma atitude crítica contra os discursos dominadores. Essa concepção advém do conceito de carnavalização.

Essa indignação das CEBs carnavaliza o sistema opressor, que, muitas vezes, tenta calar a voz dos que tentam contrapô-lo. Assim, o discurso centrífugo das CEBs prepara as comunidades à não passividade diante do sistema. Conscientizar passa a ser a mola

⁸ O Concílio Vaticano II (1962 a 1965), representou para a Igreja Católica a dimensão da ideia de um sistema mais colegiado dentro da instituição, menos piramidal, menos clerical e mais Povo de Deus, isto é, a transição de um catolicismo conservador para um catolicismo renovado.

⁹ COMBLIN, Joseph. Conferência proferida no Instituto de Teologia do Recife (ITER). As CEBs na América Latina, Recife, 25 de Maio de 1981.

propulsora.

BAKHTIN E A CARNAVALIZAÇÃO

Segundo Bakhtin (2008), no carnaval, cria-se um tipo de relações humanas que se contrapõem às relações sócio-hierárquicas da vida normal. As condutas, os gestos, as palavras liberam-se, pois, da dominação das situações dominantes. Eles tornam-se excêntricos, deslocados do ponto de vista da lógica habitual (homens vestem-se de mulheres; a linguagem torna-se obscena, não respeitando os limites impostos, questionam-se ludicamente todas as normas).

Para Bakhtin (2008), a carnavalização é a transposição do espírito carnavalesco para a arte, a metáfora de momo simboliza a reversão do unilinguismo fechado, pois assim como os quatro dias de festa de carnaval em que vidas opostas juntam-se num só contexto, mesmo que em apenas dias delimitados. Neste sentido, essa festa marca-se como dialógica pelo derrubada das barreiras que aproxima os que estão distantes.

Assim, o riso é o gesto mais simbólico da negação do estilo sério-solene. Nesta festa, há o rito da coroação do Bufão que em toda comemoração irá conduzir e direcionar os atos. Nesse período, o poder centrífugo (periférico) entra em vigência num total redirecionamento do poder. Todavia, ao término do período de momo, há o destronamento do rei, então o poder centralizador retorna. Num mundo utópico governado pela carnavalização, há a liberdade, a igualdade, a abundância e a universalidade de tons.

Bakhtin, em *Problemas da Poética de Dostoiévski* (2008), aborda a concepção da carnavalização da linguagem em que, segundo ele, ao esforço centrípeta dos discursos de autoridade opõe-se o riso, que leva a uma aguda percepção da existência discursiva centrífuga. A língua, nessa concepção, teria a capacidade de trazer o inusitado à tona, subvertendo assim o jogo das forças dominantes numa não aceitação ao unilinguismo. Ela, então, seria propulsora de um rompimento na ordem social fechada. Assim, para ilustrar essa característica da língua, Bakhtin (2008) recorre à metáfora do carnaval.

Segundo Bakhtin (2008), o carnaval é uma grandiosa cosmovisão universalizante popular dos milênios passados. Essa cosmovisão, que liberta do medo, aproxima ao máximo o mundo do homem e o homem do homem (tudo é trazido para a zona do contato familiar livre). Nessa zona, aparecem, com o seu contentamento, as mudanças e sua alegre relatividade. Ele afirma que se opõe somente à seriedade oficial unilateral e sombria, gerada

pelo medo, dogmática, hostil aos processos de formação e à mudança, tendente a absolutizar um dado estado da existência e do sistema social.

Dentro desse contexto, a carnavalização, grosso modo, nos discursos de Dom Helder é instaurada a partir do momento em que o bispo subverte a ordem e ao mesmo tempo, relata seu ponto de vista. De certo modo, a linguagem, na concepção, carnavalesca delibera-se não respeitando as condutas normatizadoras de uma postura tradicional concernente ao sistema vigente que muitas vezes veta a livre expressão. Portanto, Dom Helder é representante de uma geração de bispos ligados a Igreja Católica progressista que tem na linguagem uma ferramenta de transformação e renovação.

As CEBs, de acordo com essa teoria, compõe uma narrativa a qual apresenta uma linguagem que subverte as estruturas tradicionais. Seria por em prática a cosmovisão proferida no Vaticano II, mesmo que não entendida e aceita por membros da ala mais conservadora eclesial. Essa ação centrífuga, embora validada por documentos, não era bem-vista pela hierarquia tradicional. Dessa forma, as CEBs comungam com os aspectos do carnaval em Bakhtin, na medida em que criam uma relação de pertencimento na luta contra a opressão.

É, nessa luta, que repousa a transformação carnavalesca que propõe Bakhtin (1999) e que permeia as CEBs. Elas passam a possuir um discurso de reversão, pois o filósofo apropria-se de um carnaval essencialmente dialógico, mostrando duas vidas separadas temporalmente: uma oficial, monoliticamente séria, submetida a uma ordem rígida, cheia de dogmatismo; a outra, da praça, da reivindicação, da profanação daquilo tido como sacro.

Essa forma de ‘rebeldia’ das CEBs mantém um íntimo contato com o ‘riso’ na percepção bakhtiniana, pois, segundo esse teórico russo, o riso, no espetáculo de Momo, leva a uma explosão de liberdade, que não admite nenhum dogma, nenhum autoritarismo. Bakhtin pontifica que o carnaval é uma festa em que se bebe e se come, pois tem uma força regeneradora, porque permite admirar outro mundo possível, um universo em que residam a abundância, a liberdade, a igualdade. É a esfera da liberdade utópica, em que uma cosmovisão alternativa se mostra. Como ele afirma,

O riso carnavalesco também está dirigido ao supremo, para a mudança dos poderes e verdades, para a mudança da ordem. O riso abrange os dois polos da mudança, pertence ao processo propriamente dito de mudança, à própria crise. No ato do riso carnavalesco, combinam-se a morte e o renascimento, a negação (a ridicularização) e a afirmação (o riso de júbilo). É um riso profundamente universal e assentado numa concepção do mundo (BAKHTIN, 2008: 144-145).

Seja como for, as CEBs apoiadas por Dom Helder em Recife funcionavam como um instrumento de mobilização e organização popular ao nível local, e de lugar de encontro para a reflexão em torno dos problemas comunitários. Assim, esses problemas constituíam-se em um ponto de partida para o exercício da Teologia da Libertação. Logo, bandeiras como: o princípio da liberdade responsável, que se materializa na segurança do cidadão, sob a lei, o gozar dos direitos e garantias individuais, que são uma conquista de nossa civilização, a liberdade de associação para fins lícitos e pacíficos, faziam com que as comunidades de base fossem consideradas como uma revolução eclesiológica relevante. Conforme entendia Dom Helder: “Nas CEBs, para que o diálogo seja efetivo e válido, todos aprendem a falar e a calar, a falar e a ouvir, vendo o próprio pensamento enriquecer-se com as discordâncias dos irmãos”.¹⁰

Um dado importante: esses princípios foram, duramente, conquistados pelo povo e refletem em grande parte as aspirações da ética cristã presentes nos documentos analisados de reuniões das CEBs pesquisadas. Entendemos que essa formação discursiva deve-se, em grande medida, a uma memória que foi propagada através das discussões de diferentes significações da leitura do Evangelho vinculado a uma história concreta na linguagem e no âmbito da atualidade. Assim sendo, nenhuma conquista no campo social ou econômico, para as CEBs, poderia ser feita sem a leitura dos vestígios do tempo.

Nesse sentido, a Arquidiocese apoiava e equipava as CEBs com mimeógrafos, máquinas de escrever e toda sorte de material de escritório para serem instalados em centros sociais ou em paróquias, ou seja, garantia-se o básico para a produção e divulgação das ações dos diversos grupos já organizados. A senhora Elizete Maria, animadora da comunidade do ‘Córrego do Bartolomeu’, recorda que havia muitas reuniões nessa época: “chegavam os convites: vai ter encontro tal dia, na Arquidiocese, na paróquia do Morro com a presença do padre Reginaldo. Era importante para os moradores aprenderem mais, para poder ajudar os outros”.¹¹

Logo, a liberdade de pensamento, o direito de ir e vir, ou deixar-se ficar, a liberdade de imprensa, a ausência de discriminação em razão de cor, do sexo, da religião e das convicções políticas, marcaram a posição dessas CEBs. Ao mesmo tempo, as comunidades incentivadas por leigos e padres progressistas elaboravam suas críticas dentro da própria Igreja e não ao

¹⁰ Dom Helder Camara, *Minorias Abraâmicas e Estruturas da Igreja*. Palestra de Dom Helder Camara, em Münster/Alemanha, em 22 de julho de 1972, por ocasião em que lhe era outorgado o título de “*doctor honoris causa*”.

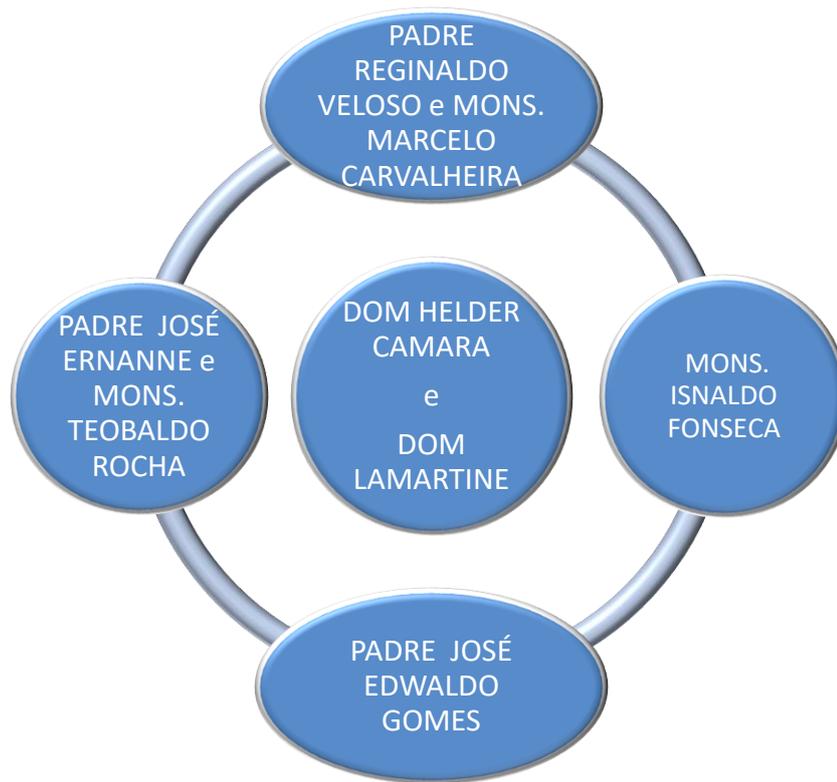
¹¹ Entrevista Maria Elizete da Silva, animadora da comunidade do Córrego de São Bartolomeu no Morro da Conceição. 18 de Abril de 2013.

lado dela, o que, por vezes, terminava na obrigação de cumprir os limites determinados pela Instituição.

Por outro lado, para Dom Helder a ação desses religiosos não deveria ser individual, mas orgânica, comunitária. Comprometidos com a verdade e não com esquemas, no trabalho de melhor conhecer a realidade e elaborar propostas. Com o intuito de participar de movimentos ou organizações seculares, devem manter sua identidade, evitando aqueles que defendem uma proposta totalitária ou autoritária, ou que tenham, entre seus associados, setores que explicitem a opção pelos extremos, ou seja, comprometidos com a manutenção de um estado de coisas injusto ou com soluções revolucionárias violentas. Nessa perspectiva, devem se acercar dos que mais se identificam, pelo programa e pela ação, com os postulados da Igreja.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desse modo, aos poucos, o novo Arcebispo de Olinda e Recife convida todos os religiosos para a união a fim de que possam exercer sua vontade internamente, para aprimorá-la e aplicá-la entre as CEBs. Consideramos também, que assim foi se solidificando o símbolo de uma Arquidiocese de caráter descentralizadora e menos paternalista, incorporando o princípio colegial consagrado pelo Vaticano II, conforme o *croqui* abaixo. Na visão ‘helderiana’, os padres oferecem responsabilidades, incentivando os leigos a aceitá-las e, portanto, satisfazem suas necessidades de afirmação. Ademais, é importante que os líderes pastorais permitam os desafios e isso requer um ato de equilíbrio. Isso tudo constitui o reconhecimento de um potencial popular ainda maior correndo em paralelo.



Logo, em seu tempo como religioso, pode-se dizer que Dom Helder Camara, procurou um discurso que lhe desse uma identidade dentro e fora da Instituição. Principalmente, porque sabia utilizar a força da palavra. Ao mesmo tempo, em suas manifestações em apoio as CEBs não faltaram propostas, esperanças e sonhos.

Essa avaliação parece indicar que, na metade dos anos de 1980, quando é comunicado pelo Vaticano a sua aposentadoria, as comunidades já haviam se estruturado na região, passado por várias etapas de crescimento, inclusive participando do processo de abertura política e da reforma partidária, porém, umas tinham um ritmo mais lento de desenvolvimento político que outras. Desse modo, já estavam criadas as condições para que as CEBs manifestassem suas ideias e suas aspirações em relação às afinidades políticas que estivessem diretamente ligadas às suas necessidades concretas.

Porém, aonde tudo isso chegou? Se analisarmos a História da Igreja como uma trama que se urde nas mais variadas condições do seu discurso, Dom Helder “lhe impondo interina outra linguagem” (MELO NETO, 12 Dez. 2016) apenas se apegava à ordem do sagrado, com a necessidade constante de oferecer ao povo o que sempre desejaram: uma vida melhor. Se não for isso, a Igreja nada mais é do que um ‘Rio sem Discurso’.

Rio Sem Discurso

Quando um rio corta, corta-se de vez o discursório de água que ele fazia; a água se quebra em pedaços, poços de água, em água parálitica. Em situação de poço, a água equivale a uma palavra em situação dicionária:

isolada, estanque no poço dela mesma, e porque assim estanque, estancada; e mais: porque assim estancada, muda, e muda porque com nenhuma comunica, porque se cortou a sintaxe desse rio o fio de água por que ele discorria (MELO NETO, 12 Dez.2016).

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Trad. Paulo Bezerra. 4ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec, 1999.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da comunicação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra, 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1999.

BETTO, Frei. **Cristianismo e Marxismo**. Petrópolis: Vozes, 1985.

COSTA, Iraneidson Santos. **Que Papo é esse? Igreja Católica, movimentos populares e política no Brasil (1974-1985)**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 19. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2004.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício**. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

MAINWARING, Scott. **Igreja Católica e Política no Brasil (1916-1985)**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

MELO NETO, João Cabral de. **Rio sem discurso**. Disponível em <http://leiovejoeescuto.blogspot.com/2012>. Acesso, 12 de Dezembro de 2016.

PRIMOLAN, Emilio Donizete. **Do Catolicismo conservador ao Concílio Vaticano II: a transição do Catolicismo nas Dioceses de Botucatu/Bauru (1948-1970)**. Universidade Estadual Paulista, 2011.